

PANORAMA SETORIAL 2015-2018

AGROPECUÁRIA*

Diego Duque Guimarães
João Paulo de Oliveira Pereira**

*Embora o Departamento de Agroindústria (DEAGRO), da Área Agropecuária e de Inclusão Social, do BNDES seja o responsável pelo setor agropecuário e agroindustrial, alguns segmentos estão sob a responsabilidade de outros departamentos/áreas do Banco. O DEAGRO é responsável apenas pelo segmento agropecuário (excetuando-se o cultivo da cana-de-açúcar e de florestas) e pela indústria de alimentos em geral (excetuando-se a produção de açúcar e de bebidas).

**Respectivamente, gerente setorial e economista do Departamento de Agroindústria da Área Agropecuária e de Inclusão Social do BNDES.

Introdução

A agropecuária envolve as atividades humanas destinadas ao cultivo da terra (agricultura) e à criação de animais (pecuária). Abrange não só a produção de alimentos destinados ao consumo humano, mas também a alimentação de animais e a produção de matérias-primas industriais, como as voltadas à produção de energia, de celulose, têxtil e de borracha.

A agropecuária destaca-se por ser um dos setores mais dinâmicos da economia brasileira. Além de atender à demanda doméstica por alimentos e matérias-primas industriais, o setor é o grande responsável por equilibrar as contas externas do país: em 2013, o agronegócio exportou quase US\$ 100 bilhões, gerando um superávit comercial de quase US\$ 82 bilhões [Brasil – AliceWeb (2014)].

Dadas as perspectivas de aumento das demandas interna e externa, o setor deve continuar investindo tanto em aumento da capacidade produtiva e de armazenagem quanto em ganho de produtividade.

Forças, fraquezas e o padrão de concorrência

A principal força das empresas agropecuárias brasileiras é o custo de produção mais baixo em relação aos concorrentes estrangeiros, em razão do clima favorável, da ampla disponibilidade de terras cultiváveis e da existência de instituições de pesquisa agropecuárias renomadas, como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). A principal fraqueza é a infraestrutura logística deficiente, que impede, em muitos casos, o aumento da produção, por falta de capacidade de escoamento e armazenagem.

A agropecuária compreende, basicamente, firmas intensivas em escala que competem por custos e vendem produtos padronizados (*commodities*). O principal fator de competitividade do setor está ligado, portanto, aos já mencionados recursos naturais disponíveis e à tecnologia empregada nas propriedades rurais.

Atualmente, a tendência de maior impacto no setor é o aumento do uso da transgenia, melhoramento genético não convencional que permite a transmissão dos genes desejados entre espécies diferentes. A continuidade do uso e a difusão da transgenia em produtos destinados ao consumo humano, por outro lado, representam a grande dúvida tecnológica para os próximos anos. Por ser relativamente recente, a transgenia ainda gera desconfiança em relação à sua segurança ambiental e alimentar, sendo seu plantio e/ou comercialização restritos em vários países. Entretanto, sua maior difusão pode permitir reduzir consideravelmente os custos de produção na agroindústria e ampliar a disponibilidade mundial de alimentos.

Desafios para o aumento dos investimentos

O principal gargalo/obstáculo à ampliação dos investimentos do setor é a infraestrutura logística deficiente. A falta de armazéns para estocar as crescentes safras agrícolas, bem como de rodovias, ferrovias e portos adequados ao escoamento dessas safras, encarece demasiadamente o custo dos fretes e inviabiliza economicamente a produção em determinadas regiões do país.

O principal investimento do setor é a aquisição de terras, ao lado da abertura e do preparo de áreas para exploração econômica. Além da terra, os principais investimentos diretos são em infraestrutura nas propriedades (estradas internas, pontes, armazéns, galpões etc.) e maquinário. Dessa forma, a capacidade de produção está diretamente vinculada à área disponível de exploração.

No entanto, é muito difícil aplicar a metodologia da utilização da capacidade instalada na agropecuária, devido aos múltiplos usos possíveis da terra, tanto na agricultura (temporária ou permanente)¹ quanto na pecuária. Além disso, a capacidade produtiva da terra varia de acordo com o nível de tecnologia utilizada (qualidade da genética vegetal ou animal, técnicas de manejo, maquinário), a ação do clima e a ocorrência ou não de pragas e doenças na região de produção.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2012 o Brasil possuía 69 milhões de hectares (ha) de área plantada (cerca de 90% temporárias) e cerca de 150 milhões de ha de pastagens. Entre as culturas, as mais importantes são as de soja (25 milhões de ha), de milho (15 milhões de ha) e de cana-de-açúcar (9,8 milhões de ha), representando cerca de 79% das áreas cultivadas no Brasil naquele ano. Cada hectare cultivado com cana rendeu, em média, 73,9 toneladas; em milho, 4,7 toneladas; e em soja, 2,6 toneladas [Sidra (2014)].

As pastagens abrigavam, em 2012, mais de 212 milhões de cabeças de gado bovino e bubalino, bem como 26 milhões de ovinos e caprinos e mais de 7 milhões de equinos, asininos e muares. Além disso, a pecuária inclui os rebanhos de aves (mais de 1,2 bilhão de animais) e suínos (quase 39 milhões), que, por serem criados de forma intensiva, ocupam pequenas áreas em relação a seu efetivo [Sidra (2014)].

A agropecuária utiliza um grau muito elevado de conteúdo nacional em seus investimentos. Os tratores, as máquinas e os implementos agropecuários adquiridos são praticamente todos fabricados no país, apoiados pela FINAME. O principal item importado, material genético empregado no plantio de culturas permanentes e na produção de matrizes animais, representa uma fração pequena desses investimentos, já que os produtores rurais adquirem, na verdade, material genético multiplicado no Brasil, constituindo a parte importada apenas parte de seu valor final.

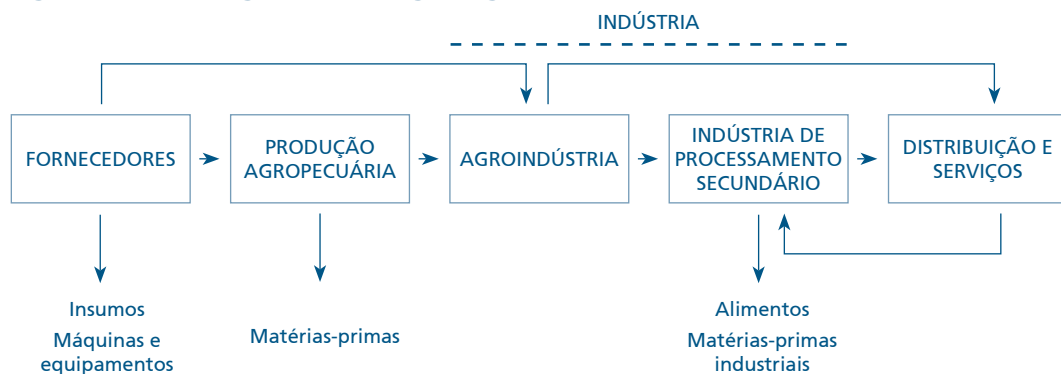
¹ Culturas permanentes: ao contrário das temporárias, seu plantio permite a obtenção de mais de uma safra.

Fatores estruturais e cadeias produtivas

A importância do setor como mobilizador de outras atividades é muito grande, tanto para frente como para trás, sendo criado até o termo *agribusiness* (agronegócio) para descrever essa importância. Em 2012, o agronegócio foi responsável por 22,5% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro [Cepea (2014)].

O agronegócio brasileiro compreende atividades econômicas ligadas, basicamente, ao fornecimento de insumos, máquinas e equipamentos para a agropecuária, à produção agropecuária propriamente dita, à agroindústria (industrialização dos produtos primários), à indústria de processamento secundário, ao transporte e à comercialização dos produtos primários e processados.

Figura 1: Macrossegmentos do agronegócio



Fonte: Sidonio *et al.* (2013).

Em razão de leis restritivas, quase todas as propriedades rurais pertencem a brasileiros ou a empresas controladas por brasileiros. Há presença considerável de empresas estrangeiras especializadas no fornecimento de insumos, máquinas e equipamentos à agropecuária, bem como na exportação de produtos agrícolas (*tradings*). Na agroindústria e na indústria de processamento secundário, há fortes empresas estrangeiras e nacionais.

Em relação às importações, o setor destaca-se pela dependência dos fertilizantes importados, cujo montante, em 2013, atingiu US\$ 8,9 bilhões. As importações responderam por cerca de 70% da demanda nacional [SBA (2014)].

Os fornecedores de bens de capital para a agropecuária são principalmente os fabricantes de tratores e implementos agrícolas, praticamente todos estabelecidos no Brasil, chegando a exportar daqui parte de sua produção. Dentre elas, destacam-se as norte-americanas AGCO e John Deere e a italiana CNH.

O principal desafio ao maior adensamento da cadeia produtiva agropecuária está ligado à estrutura tributária brasileira. Enquanto o produto primário pode ser exportado praticamente sem impostos desde a Lei Kandir, os exportadores de industrializados

não conseguem recuperar todos os impostos incluídos em seus produtos, gerando favorecimento à exportação dos produtos primários em detrimento dos industrializados. Esse fato, combinado com a “preferência” que os países desenvolvidos dão à industrialização de matérias-primas em seus territórios, reforça a posição do Brasil como exportador de produtos primários.

O setor, dadas as suas características, apresenta grau muito baixo de concentração. Em 2012, seu CR4 foi de apenas 3,3% do Valor Bruto da Produção Agropecuária, sendo que as quatro maiores foram cooperativas (Coamo, C. Vale, Cocamar, Cooxupé).² Como as maiores empresas do setor são cooperativas [Valor Econômico (2014)], isso indica que o grau de concentração é ainda menor que o apurado pelo índice. A expectativa para o futuro próximo é que esse percentual se mantenha baixo.

Em relação às externalidades, a principal delas é que a cadeia do agronegócio contribui para a fixação do homem no campo e nas pequenas cidades, através da geração de empregos e renda nessas regiões, o que reduz o êxodo rural. Além disso, outra externalidade importante é o forte impacto que as oscilações de seus preços provocam no índice de inflação, pois o item “Alimentos e bebidas” corresponde a 24,8% da composição do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) [IBGE (2014)].

De acordo com o Censo Agropecuário de 2006 (o último disponível), naquele ano 16,5 milhões trabalhadores estavam ocupados na agropecuária, incluindo ocupação formal e informal. Segundo a Relação Anual de Informações Sociais (Rais) de 2013 [MTE (2014)], a agricultura foi responsável por 1,48 milhão de empregos formais diretos nesse ano. Se incluirmos nesse número também os referentes ao item “Borracha, fumo e couros”, que estão diretamente relacionados, o total sobe para 1,82 milhão (quase 4% do total dos empregos formais).

Fatores sistêmicos

O setor é profundamente afetado pela conjuntura internacional, por envolver a produção de *commodities* que são comercializadas internacionalmente. Os preços praticados no mercado interno seguem, em maior ou menor grau, os internacionais, com algumas diferenças provocadas pelo custo do frete (no caso de produtos exportados) e de tarifas de importação (no caso de produtos como leite, trigo e arroz).

Assim, o crescimento maior da economia mundial tende a afetar positivamente a agropecuária, aumentando não só a demanda pelas *commodities*, mas também seus preços.

As importações de produtos agropecuários desempenham o importante papel de complementar a produção nacional no atendimento da demanda doméstica,

² CR4 é uma medida de concentração de mercado: mostra a participação das quatro maiores empresas do setor em relação ao mercado total.

especialmente nos períodos de entressafra. Além disso, os preços internacionais funcionam como importantes balizadores dos preços de praticamente toda a produção nacional.

Na participação de mercado, destacam-se as importações dos segmentos de trigo e de lácteos: em 2013, o déficit comercial foi de US\$ 2,1 bilhões em trigo e de US\$ 491 milhões em lácteos [Brasil – AliceWeb (2014)]. Desde 2005, a participação do trigo importado oscila, dependendo da safra, entre 55% a 75% da oferta doméstica [Abitrigo (2014)]. Os vizinhos Argentina e Uruguai são os principais fornecedores, em função da isenção de tarifas por causa do Mercosul [Brasil – AliceWeb (2014)].

Em lácteos, como o custo médio de produção de leite no país é alto, o Brasil costuma importar cerca de 5% de seu consumo de leite em produtos lácteos, principalmente do Uruguai e da Argentina, também por causa do Mercosul. Esse volume só não é maior porque o Brasil estabeleceu, para as importações vindas da Argentina, uma cota que limita a entrada em 3,6 mil toneladas de lácteos por mês, visando evitar uma invasão do leite mais competitivo produzido naquele país. Entretanto, em momentos em que houve conjuntura internacional de preços altos (2007-2008), o Brasil chegou a ser exportador líquido de lácteos [Guimaraes *et al.* (2013)].

O setor é muito dependente das políticas governamentais, tanto em termos tributários quanto em políticas públicas. Dentre as políticas públicas, destacam-se a oferta de crédito rural favorecido para custeio, investimento e comercialização das safras, a Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM) e as políticas de proteção à produção familiar. Anualmente, o governo federal divulga o crédito que será disponibilizado ao setor através do Plano Safra, que, na versão 2014-2015, prevê desembolsos de até R\$ 156 bilhões.

Em nível federal, além do citado PGPM, os produtores rurais são apoiados, principalmente, pelo Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae), que estimulam a aquisição, pelos entes governamentais, da produção oriunda da agricultura familiar. Entre os programas governamentais de crédito, o mais importante para os produtores rurais é o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf).

Tendências tecnológicas

A tecnologia genérica mais relevante na agropecuária é a biotecnologia, usada não só para o melhoramento genético vegetal e animal, mas também para o desenvolvimento de produtos veterinários, defensivos agrícolas e fertilizantes organominerais.

O melhoramento genético busca aumentar a eficiência produtiva de animais e vegetais, através da seleção e da disseminação das características de interesse econômico nesses organismos. Entre as características selecionadas mais comuns, estão a maior produtividade sob determinadas condições edafoclimáticas e a maior resistência

a pragas e doenças. A transgenia, melhoramento genético não convencional que permite a transmissão dos genes desejados entre espécies diferentes, tem-se desenvolvido muito nos últimos anos, atualmente gerando grande impacto nas pesquisas agropecuárias.

Quanto ao papel do Brasil nessa tecnologia, há condições de liderança no melhoramento genético de alguns animais e vegetais, atuando como seguidor em outros casos. A Embrapa é forte referência no setor, sendo internacionalmente reconhecida pela qualidade de suas pesquisas. Dos 32 eventos transgênicos registrados no Brasil no início de 2014, a Embrapa detém um evento sozinha (do feijão) e divide outro com uma empresa estrangeira. Todos os demais são registrados por multinacionais [CTNBIO (2014)].

Referências

ABITRIGO – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE ALIMENTOS. *Suprimento e Uso de Trigo em Grão no Brasil*. Disponível em: <http://www.abitrigo.com.br/pdf/suprimento_e_uso_de_trigo.pdf>. Acesso em: 24 set. 2014.

BRASIL. MDIC – MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. ALICEWeb. *Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior*. Disponível em: <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em: 3 out. 2014.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. *Relação Anual de Informações Sociais (Rais)*. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/geral/estatisticas.htm>>. Acesso em: 6 out. 2014.

CEPEA – CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA – ESALQ/USP. *PIB do agronegócio – dados de 1994 a 2013*. Disponível em: <<http://cepea.esalq.usp.br/pib>>. Acesso em: 30 set. 2014.

CTNBIO – COMISSÃO TÉCNICA NACIONAL DE BIOSSEGURANÇA. *Tabela geral de plantas geneticamente modificadas aprovadas comercialmente, 2014*. Disponível em: <<http://www.ctnbio.gov.br/index.php/content/view/17811.html>>. Acesso em: 24 set. 2014.

GUIMARAES, D. et al. Análise de experiências internacionais e propostas para o desenvolvimento da cadeia produtiva brasileira do leite. *BNDES Setorial* 38, Rio de Janeiro, BNDES, set. 2013. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set3801.pdf>. Acesso em: 3 out. 2014.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *IPCA*. (Séries históricas e estatísticas). Disponível em: <<http://serieestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=11&op=0&vcodigo=IA60&t=ipca-indice-geral-grupos-produtos-servicos>>. Acesso em: 25 set. 2014.

SBA – SISTEMA BRASILEIRO DO AGRONEGÓCIO. Disponível em: <<http://www.sba1.com/noticias/agricultura/35005/importacao-de-fertilizantes-foi-recorde-em-2013>>. Acesso em: 25 set. 2014.

SIDONIO, L. R. et al. Inovação na indústria de alimentos: importância e dinâmica no complexo agroindustrial brasileiro. *BNDES Setorial* 37, Rio de Janeiro, BNDES, mar. 2013. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set3708.pdf>. Acesso em: 3 out. 2014.

SIDRA – SISTEMA IBGE DE RECUPERAÇÃO AUTOMÁTICA. *Censos Agropecuários 1995-96 e 2006 e Pesquisa Agrícola e Pecuária Municipal*. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/agric/default.asp?z=t&o=11&i=P>>. Acesso em: 27 set. 2014.

VALOR ECONÔMICO. *Valor 1000 – 1000 Maiores Empresas*, n. 13, ago. 2013.